

# 'Coisa de mulher', polêmica definição

Frase do presidente Fernando Henrique divide opiniões de políticos, famosos e anônimos e acirra ânimo das feministas

HELAYNE BOAVENTURA E  
ADRIANA BITTENCOURT

A simpatia do presidente Fernando Henrique pela candidatura da governadora do Maranhão, Roseana Sarney (PFL), e pela presença feminina na política dividiu opiniões. Aplaudida por parlamentares, foi tachada de machista e preconceituosa por intelectuais. Eles não perdoaram a frase – “O Brasil quer essa coisa de mulher, positiva.”

Político que se preze, mede palavras para não acirrar hormônios femininos, especialmente quando eles circulam em pouco mais da metade do eleitorado brasileiro. Não é à toa que, em discursos e declarações, interpretaram diplomaticamente o conteúdo da frase. O presidente reproduziu a realidade, disseram, o gosto popular pelo jeito feminino de comandar. Estudiosos de respeito suspeitaram da intenção. A cientista política Lucia Hippolito foi dura. “A mulher não vence na vida por ser mulher, mas por ter capacidade e talento”, afirmou. “Mulher tem sido um diferencial importante nas eleições, mas a tendência não tem nada a ver com gênero e sim com o fato de ela aliar uma atividade política e ao pioneirismo e à capacidade.”

Honestidade, inteligência, capacidade de governar, organização e intuição foram atributos femininos elogiados por famosos e anônimos no Rio. “Quem sabe essa coisa de mulher seja interessante, porque essa coisa de homem não foi”, brincou o humorista Chico Anysio. A ambigüidade da frase presidencial deu asas à imaginação. O apresentador Luciano Huck, por exemplo, afirmou querer “essa coisa de mulher” desde que nasceu. Tal como o porteiro Reginaldo da Silva. “O Brasil já não tem nada, então os homens querem essa coisa de mulher porque aqui tem bastante e o governo ainda não arrumou um jeito de tirar da gente.”

A escritora Rose Marie Muro, feminista militante, como ela

mesma se define, garante que política independe de gênero. “Prefiro votar num homem que apresenta uma política nacional de gênero bem articulada, do que numa mulher que sirva a interesses masculinos. A maioria das mulheres se vê com os olhos dos homens.” Elas estão na moda, resume a apresentadora de TV Monique Evans. “Assumiram as grandes soluções. Os homens estão ficando para trás.”

Oposicionista de carteirinha, o deputado Milton Temer (PT-RJ) acredita que a declaração demonstra a pouca importância que o presidente dá à questão partidária. “Esta mulher é um produto que, trabalhado pela mídia, é capaz de aglomerar as forças da direita para se contrapor a uma alternativa popular e democrática.”

Tanta politização não ecoa. Companheira de partida, a deputada Esther Grossi (PT-RS) gostou do elogio à atuação feminina, mas como integrante da oposição, diz que houve “desleixo” com a linguagem. “Demonstra uma visão privada do papel da mulher e não institucional.”

Não chega nem perto do que pensam os entusiastas da candidatura de Roseana. Como o senador José Agripino Maia (PFL-RN), “Mulher significa renovação”, diz ele. Com o que concorda a deputada Zulaiê Cobra (PS-DB-SP). Ela jura que FH gosta da maneira de governar das mulheres – “transparente, sincero, determinado”. Acusa-o, contudo, de desleixo com o tema no PS-DB. “Na hora do vamos ver, só tem homem na direção, Um presidente tão ousado, deve ousar também no partido.”

O que o presidente falou, o ministro da Integração, Ney Suassuna sabe há tempos. “São mulheres que dirigem minhas empresas”, conta. Bem diferente do deputado putado Severino Cavalcanti (PPE-PE), primeiro-secretário da Câmara. Conservador, não tem dúvida. “Se elas se dedicassem ao lar, não haveria infelicidade.”



Davi Zocoli

A precisão sociológica com que o presidente definiu a carência brasileira por mulher, alimentou a ironia dos famosos. “Essa coisa de mulher pode ser solução, pois a de homem não foi”, brincou Chico Anysio (E), Luciano Hulk (abaixo à esq.) pensa nisso “desde criancinha”. Monique Evans defende o gênero. “Os homens ficaram para trás”

Fernando Rabelo – 24/02/2001

